Ele começou a publicar tarde, quase aos 50 anos. Mas sempre trouxe a literatura no sangue, embora os compromissos com a realidade imediata o tivessem impedido de exercer sua vocação de escritor – sim, para ele trata-se de uma vocação – antes da maturidade. Mas foi bom. No final das contas, o temporão Antonio Carlos Resende acabou privando o público de obras imaturas ou marcadas pela imperfeição e o brindou com pequenas obras-primas de uma ficção profundamente marcada pela angústia do amor e, naturalmente, do sexo.

Foram ao todo 11 romances, numa carreira iniciada há exatos 30 anos com um título que, por si só, já chamava a atenção do meio literário. *Magra mas não Muito, as Pernas Sólidas, Morena* (L&PM, 1978) colocou em cena, sem meias palavras, o amor impossível entre um bodegueiro bronco e uma mulher exuberante. E assim foi: nos romances posteriores, Resende sempre investiu contra a suposta normalidade das relações humanas, mostrando que por trás das aparências escondem-se expressões de ressentimento, de ódio e de violência.

No último livro, radicalizou a experiência humana e abordou temas contemporâneos, como o tráfico de drogas e o preconceito racial. O resultado é um livro vigoroso, que todavia mantém o estilo elegante e provocador do maior discípulo do crítico e escritor Paulo Hecker Filho. Nesta entrevista, o autor lança um olhar impiedoso à sua própria obra, diz que os escritores gaúchos não se lêem por medo de serem superados e anuncia: *A Obra-Prima do Teu Corpo* pode ter sido seu último romance. A seguir, os principais trechos da entrevista concedida por Resende a APLAUSO:

Trinta anos depois de lançar seu primeiro romance, como o senhor se sente em relação à literatura?

Me sinto bem. Não tanto pelo resultado do meu último livro, [*A Obra Prima do Teu Corpo* foi lançado em novembro de 2007], mas por constatar que, aos 78 anos, tive forças para terminar uma novela de 118 páginas e, ainda por cima, fugindo completamente do meu estilo habitual. Sempre me fixei na questão do amor. Sempre fui autor de um tema, o amor. No meu último romance existe essa questão, mas também abordo uma coisa muito atual que é o problema das drogas. É claro que eu não tenho a lógica do viciado, do consumidor. Eu não sou um *junke*, essa experiência eu não tenho. Mas tenho a experiência de filmes que assisto, de livros, de notícias de jornal. O que me propus foi ter um ritmo interior no romance. Não estava disposto a encher lingüiça, não queria perder tempo com descrições desnecessárias. Isso eu acho que consegui. Então, quando estava produzindo, cheguei à conclusão de que precisava tomar uma atitude para escrever contemporaneamente. Ou seja, no ano de 2007, sobre as coisas que estavam acontecendo a meu redor. A violência não é um tema novo em meus livros, mas a abordagem que faço dela sim. A mesma coisa com o racismo, o verdadeiro foco do livro.

Por que o senhor passou tanto tempo sem publicar?

Passaram-se seis anos desde o último romance que escrevi, *Jairo e Seus Diabos* (Artes & Ofícios, 2001). Nesse meio tempo, não escrevi nada, estava à espera. Na verdade, eu tinha desistido da literatura. Aqui no Estado, os livros não têm repercussão, só os amigos lêem, dizem "está bom, está bom" e acabou por aí. Mas então me veio de novo a idéia – recorrente – de fazer uma espécie de "Carmen 2007", tanto que o personagem feminino do livro se chama Carmélia e o protagonista é o José. Quando comecei a escrever, tinha esse projeto na cabeça: reescrever *Carmen*. Mas durante o desenvolvimento da história surgiram outros temas e eu acabei desistindo. Acabou saindo um amor quase puro entre um branco e uma negra, linda de morrer, que se passa no morro da Conceição [zona Leste de Porto Alegre], uma região conflagrada pelo tráfico. Muitos amigos até me perguntam o endereço dela (risos). Provavelmente foi meu último livro, a não ser que surja novamente um tema tão forte como este que me mobilize a escrever.

Há 20 anos, o senhor renegou alguns de seus livros. Por quê?

Reneguei-os há 20 anos por estar deprimido. Eu havia perdido o olho esquerdo, fiz seis cirurgias e nada resolveu. De fato, naquela entrevista [para o caderno de literatura do IEL] eu usei a palavra "renegar" para alguns livros. *Pedro e Lia* talvez ainda se salve pelo tributo a Simone Weill e à figura ficcional do Brizola. *O Rapaz Que Suava Só do Lado Direito* foi uma homenagem à juventude de 1977, não sei se ainda vale. *Por Que Me Olhas, Maria Carolina?* é dilacerante até hoje. Fazem parte de mim. Eu os reincorporo.

Por que a literatura do Rio Grande do Sul tem tanta dificuldade em acontecer?

Concordo com o que o Scliar disse uma vez: escritor gaúcho não lê escritor gaúcho. Não lê por preguiça ou, talvez, por



Fotos: Tânia Meinerz



medo de achar alguém melhor do que ele, só pode ser isso. Mas o fato é que não lê. Eu, por exemplo, não tenho acompanhado esses jovens que estão lançando livros agora. Tive grande expectativa com o Marcelo Carneiro da Cunha, mas quando ele descambou para uma literatura infanto-juvenil perdi o interesse. Isso para mim é subliteratura. Não gosto. Tenho esperanças, como poeta e como contista, com o Celso Gutfreind, que tem uma enorme delicadeza para escrever e para fazer poesia. Mas ele também está focado no público juvenil. No mais, não sei o que estamos produzindo.

Por que tantos temas novos no que poderá, talvez, ser seu último romance?

Minha maior preocupação era mesmo a questão do racismo, não tanto a das drogas nem a do amor. A história, aliás, vem me acompanhando desde que eu era guri, em Cachoeira do Sul. Meu avô realmente tinha um restaurante famoso e eu tenho a vaga lembrança de que ele não deixava entrar negros no seu estabelecimento. Isso me marcou muito quando criança. Um dia, eu estava no cinema Coliseu, ao lado do restaurante, quando ouvi gritos e uma baderna muito grande. Era o meu avô expulsando um negro do restaurante [a cena é reproduzida no capítulo incial de *A Obra-Prima*...]. De fato, essa figura racista me marcou muito, apesar de ele ter sido um avô como outro qualquer. Essa história sempre me comichou.

O senhor começou a publicar tarde, aos 49 anos, depois de ter consolidado uma carreira no rádio como locutor e narrador esportivo. Por que essa guinada?

Sempre considerei importante publicar e seguir uma carreira literária, mas eu tinha de fato um bloqueio neurótico dentro de mim em relação a isso. Antes de ir embora para o Rio de Janeiro [em 1970, para ser narrador esportivo da rádio Nacional], fiz análise de grupo com o psicanalista Cyro Martins. Aliás, é um tipo de análise que eu recomendo para todo mundo porque permite relativizar a gravidade dos nossos problemas. Quanto voltei e retomei a terapia, as pessoas eram diferentes e me dei alta poucos meses depois. Por casualidade ou não, comecei a escrever imediatamente após esse episódio. Na verdade, eu tinha medo de não ser aceito. Quem escrevia na época [1977] eram Josué Guimarães, Moacyr Scliar, Luis Fernando Verissimo! E tinha também a Lya Luft, que ainda não era o sucesso de hoje, especialmente depois daquele livro de auto-ajuda que ela escreveu, *Perdas & Ganhos*. Mas já era uma escritora importante. Eu, ao contrário, era um cara de rádio. Tinha medo que dissessem que era uma bobagem um sujeito como eu pensar em escrever ficção. Fiz meu primeiro romance em 40 dias. À mão! Era de fato uma urgência que eu tinha.

A psicanálise o ajudou a escrever?

Eu não acredito muito nessa história de literatura como catarse. Se o cara tem vontade de escrever e tem vocação para isso, que escreva.

O que vem a ser essa vocação, para o senhor?

Você sabe que existem pessoas vocacionadas para a leitura, não? São pessoas que lêem profissionalmente, passam seis, sete horas do dia apenas lendo. Gostam de descobrir escritores, têm especial predileção pela literatura. Outras se dão melhor escrevendo, inventando histórias. Eu experimentei as duas vocações, fui aprovado pelo meu mestre Paulo Hecker Filho e estou aí.

Paulo Hecker Filho foi sua maior influência?

Pode-se dizer que sim. Quando tinha 23 anos, comecei a conviver com o Paulo Hecker Filho e com a turma da revista *Crucial*. Isso por meio do José Paulo Bisol, que também trabalhava em rádio como eu. O livro de críticas que o Hecker publicou em 1949, chamado *O Diário*, me abriu as portas para o universo da literatura, eu que só lia Eça, Machado, Aluísio Azevedo. Então, eu vi que havia Sartre, que havia Camus, que havia Simone de Beauvoir, enfim, centenas de escritores dos quais ele fazia a crítica. E fui lendo, lendo, lendo. É claro que não foi fácil, eu trabalhava e estudava Direito. Não tive muita facilidade no rádio não, era preciso lutar muito por espaço. Em 1946, quando cheguei a Porto Alegre, as coisas eram bem difíceis. Depois, comecei a escrever contos, todos devidamente rechaçados pelo Hecker. Dizia que minhas narrativas seguiam um estilo jornalístico, ou seja, não tinham alma nem emoção. Até hoje, quando estou escrevendo algum romance, me pergunto: estou com alma?

Suas narrativas são quase sempre baseadas em fatos que realmente ocorreram, quando não francamente autobiográficos. Por que isso?

Não saberia dizer. Minha primeira história me foi contada pelo Bisol, amigo de longa data. Ele era juiz de Direito no interior do Estado e presenciou de fato a paixão de um bodegueiro tosco por essa mulher belíssima, educada, esposa de um engenheiro do Daer [órgão estadual responsável pela construção de estradas]. Em outro livro, *O Louva-a-Deus*, a inspiração foi uma notícia lida no *Correio do Povo*

"O Guilhermino César dizia que eu era o único escritor do RS. Mas ele já estava velho, então desconfio muito dessa opinião

sobre uma mulher violentada que atraiu seus algozes para uma fazenda. Lá, ela acabou capando os três homens como vingança. *O Rapaz Que Suava Só do Lado Direito* é o arcabouço de uma família de amigos que morava em Porto Alegre. Como eu não tinha feito nada sobre a revolução de 1964, estava por fora, não lia nada, resolvi fazer o livro sob o ponto de vista de um estudante contestador. Era um compromisso meu, pessoal: um sujeito de esquerda como eu que não fez absolutamente nada contra o golpe de Estado. Por alienação, vagabundagem mesmo. Eu só queria ler, não estava nem um pouco preocupado com a realidade. Terminei em menos de três meses. Chegou a vender 40 mil exemplares. *Jairo e Seus Diabos* é a minha história, devidamente romanceada.

A crítica sempre o tratou bem?

Minha relação com a crítica não foi nem um pouco tumultuada. Uma vez, o [Antônio] Hohlfeldt me chamou de oportunista porque lancei o romance *Fiéis e Infiéis* (1993), sobre um grupo de professores que viaja à França para assistir a cursos com Michel Maffesoli e Jean Braudrillard. É que algumas semanas depois do lançamento do livro esses intelectuais vieram a Porto Alegre para uma série de conferências. Mas não foi mais do que uma coincidência, ele mesmo deu-se conta disso. Também houve uma crítica muito desfavorável a *Mortes do Amor* (2000), publicada na *Zero Hora*, no dia do seu lançamento. É claro que acabou com o livro. Mas tive muita sorte com o Guilhermino César nos anos 80, que então dirigia o Instituto de Letras da UFRGS. Ele dizia que eu era o único escritor do Rio Grande do Sul. Mas o Guilhermino já estava velho, então desconfio muito dessa opinião (risos). Aliás, ainda temos alguma crítica literária aqui no Rio Grande do Sul? Não temos sequer resenha.

Como foi sua carreira como narrador de futebol?

Eu fiz a Copa do Mundo de 1962 pela rádio Gaúcha, a de 1966 na Guaíba e a de 1970 como narrador da rádio Nacional, do Rio de Janeiro. Comecei a transmitir futebol em 1950, depois de ter sido locutor comercial. Quem me deu a primeira oportunidade no esporte foi o Cândido Norberto. Na época, trabalhava-se em sistema "diagonal": quando a bola estava num campo, era um narrador que transmitia a partida; quando passava para o outro lado, entrava outro narrador. Narrávamos diretamente do gramado, cada um ficava de um lado do campo em diagonal ao outro. Quem me assoprava o nome dos jogadores era o Mendes Ribeiro, pois eu não conhecia ninguém, ia muito pouco aos jogos (risos). Mas eu ouvia aqueles narradores do Rio, ainda criança em Cachoeira, e achava fantástico. Queria fazer como eles. O Oduvaldo Cozzi foi o último poeta dos narradores esportivos. Naquele tempo, não havia reportagem de campo, então tinha muita encheção de lingüiça no ar, aquela fantasia toda. Mas o Cozzi sabia português, era incapaz de cometer uma incorreção gramatical. Outra dupla muito famosa na "diagonal" era formada pelo Ary Barroso e pelo Antônio Maria. Faziam isso pela rádio Tupi, lá por 1949.

Por que, sendo tão apaixonados como somos, o futebol nunca rendeu bons romances no Brasil?

Esta é uma pergunta muito difícil de responder, difícil mesmo. Acho até que é irrespondível. Sabe que eu tentei ser jogador de futebol? Pois é, mas eu só tinha a alma de jogador. Era muito esforçado também, mas ruim de bola uma barbaridade, e os ruins acabavam sempre na lateral direita (risos). Eu já pensei num romance tendo como pano de fundo o futebol. Seria a história de um jogador que tem uma amante. Só que, quando ele se encontra com essa mulher, acaba só falando de futebol, o que torna a relação deles muito chata. E o personagem também (risos). Na verdade, acho que o mundo do futebol não rende bons personagens. Os jogadores em geral são muito infantis, têm uma cabeça muito limitada. Ganham o primeiro salário e já correm para comprar aquele carrão que custa os olhos da cara. Acho que é por isso que não temos romances sobre futebol. Eu, como já disse antes, não sei escrever sobre crianças. E nem para crianças.

O senhor se notabilizou por ser um escritor sobretudo do amor. Ainda acredita, como há 30 anos, que o amor pode salvar o homem?

Continuo sustentando que o amor profundo e sério é a salvação do ser humano. Mas, como todas as coisas, ele infelizmente também acaba. ■

